

Joaquim Magalhães

CARTAS

Sem código postal



Edição da Câmara Municipal de Tavira

1999

CARTAS

Sem código postal

Joaquim Magalhães

CARTAS

Sem código postal



Edição da Câmara Municipal de Tavira
1999

Título:
Cartas sem Código Postal
Autor:
Joaquim Peixoto Magalhães
Concepção da capa:
António Gomes
Edição:
Câmara Municipal de Tavira
Composição computadorizada:
Viprensa - Soc. Editora do Algarve, Lda.
Vila Real de Santo António
Impressão e acabamentos:
Litográfica do Sul, S.A.
Vila Real de Santo António
Tiragem:
1000 exemplares
Data de impressão:
Janeiro 1999
Depósito legal n.º
134 136/99

Pequena amostra duma grande actividade

*Estas cartas são uma pequena amostra
da actividade dum homem
a quem o Algarve deve em grande parte
o tonus cultural e até o progresso
que o caracterizava.
Foi e ainda é, mesmo octogenário,
a personalidade mais em evidência
pelos seus dotes e acção
durante o século XX no Algarve.
Pela pena e pela palavra,
na escola e fora dela, foi sempre
o pedagogo ou o cidadão pedagógico
que a tudo ia e a todos estimulava e ajudava.
Cargos que ocupou foram sempre
os mais elevados, os do topo, onde pôde
impulsionar obras e espalhar ideias.
Isto é uma pequena amostra
da sua prodigiosa actividade
pois ficam por revelar muitas das suas
vivências em muitos dos vários meios onde
agiu: entre colegas professores,
entre alunos, entre poetas, políticos, etc.
Mas por aqui se pode já avaliar
o entusiasmo, a seriedade e o saber
que dedicava a tudo e a todos - sendo de
salientar as homenagens
que estava sempre disposto a prestar
a quem lhas merecia.
Lede, admirai e meditai.*

Elviro Rocha Gomes
Faro, 14/6/96

CARTAS SEM CÓDIGO POSTAL

I - AOS QUE CÁ MORAM

Meu caro algarvio:

Tenho lido com divertida atenção uma ou outra das muitas intervenções que tem havido no sentido de que a tua terra é que deve ser o centro da universidade que os nossos senhores deputados decretaram para o Algarve. Não me leves a mal que eu tenha sorrido da tua pretensão. Sei que é sincera, respeito-a. Mas não vás também julgar que tem peso bastante para a fazeres aceitar. Felizmente que os legisladores estabeleceram logo que a instalação, da sede, pelo menos, será em Faro. De modo que não vai haver discussão por causa disso. Nem vou eu agora pôr em causa se foi certo ou não o consenso dos deputados que chegaram por unanimidade a essa indicação.

O que eu desejava era chamar a tua atenção para uma coisa engraçada, que caracteriza os algarvios: este gosto da independência, este individualismo, este pessoalismo, que se traduzem em bairrismo local e dão em resultado um certo enfraquecimento regional colectivo, como aconteceu durante séculos, em que o Algarve viveu como uma ilha cercada de água por três lados e de serra pelo quarto.

Era o tempo em que Portugal reconhecia o Algarve como reino associado, ou unido, nos tempos da monarquia. O que até permitiu que monárquicos muito a sério considerassem que a implantação da república, em 1910, se fizera somente em Portugal e não no Algarve. Por esses tempos, as comunicações mais fáceis eram por via marítima. Só mesmo no final do século passado, e ainda a 82 anos apenas o caminho de ferro atravessou a serra e chegou aqui a Faro. Depois disso é que se desenvolveram as estradas de comunicação rodoviária.

E assim o algarvio viveu, como ilhéu, durante séculos, apesar de integrado na pátria portuguesa de que, de resto, usava a língua comum.

Como para todos os ilhéus o mar constituiu atracção e foi chamariz de aventura.

Mas também, de modo geral, a condição de ilhéu, ou insular, obrigou o algarvio ao convívio das diferenças de pessoas, sem o recurso, habitual no interior e no norte, à violência física,

quando há divergências de opiniões ou de interesses. Os conflitos foram-se resolvendo, como em todas as terras fortemente e predominantemente dominadas pelo sol, trocas de palavras azedas ou duras, mas tão só.

Os pequeninos bairrismos locais existiram e existem, como em toda a parte. Assisti por exemplo a regozijos, às vezes estrepitosos, quando o Vila Real desceu de divisão no futebol, quando o Farense foi para a carroça, quando o Olhanense caiu, quando o Portimonense não se aguentou entre os chamados grandes. E acredita, meu caro, que isto me causou pena.

Porque eu gosto muito do Algarve, e das suas gentes. Porque considero que o Algarve é a zona de Portugal, onde se podia fazer uma experiência pioneira de democracia regional muito válida.

E tenho pena de que os artigos da Constituição de 76, que permitem e, de certo modo, programam essa experiência, não sejam postos em execução. Não vou agora, meu caro, dizer-te o porquê deste, fica para outra carta.

Só o que queria, ingénuo amigo, era que não estivesse agora, por causa da universidade, que finalmente parece que vais ter, a contribuir para transformar em arquipélago a ilha que o Algarve foi durante séculos.

Bem basta o que basta, amigo.

Quando eu cá cheguei, há quarenta e tal anos, já, no Carnaval, em Loulé, se fazia a caricatura, risonha e inofensiva, da Universidade de Alte. Não nos ponhamos agora a brincar com coisas sérias. Pois se a estrada 125, de Vila Real a Sagres se está a transformar na rua do Algarve, não vamos agora, por causa de estudos superiores, inferiorizar-nos com uma universidade dispersa por toda a província. Bem basta que haja um povoamento disperso, com explicação certa da geografia humana.

Desculpa-me a intromissão. Não sou algarvio senão por opção. Mas sou teu amigo deveras.

Teu P.M.

N.º 3659

21-Março-1979

Meu caro rapaz do meu tempo:

Chegaste aos sessenta mais dez e, portanto, ao tempo de dar o fora do serviço, em que vives-

te e trabalhaste meio século. Já é bonito e o direito adquirido dá-te agora possibilidade de des-

cansar. Disseste-me que sim, que deixavas de ir à repartição, que talvez fosses dar umas voltas, porque, antes, não tinhas tempo para isso. Claro que concordo contigo, acho que fazes muito bem. Só que, não te esqueças, tens que te manter em actividade. Quando com a reforma se acaba por assim dizer a obrigatoriedade do trabalho para a colectividade e se adquire o direito a descansar, é importante que essa mudança de situação e de obrigações se faça apenas com o desaparecimento de um horário rígido de ocupações. Mas nunca, por nunca, repara bem, uma passagem brusca à inactividade.

Se, em criança, se cresce a mexer, em velho sobrevive-se a mexer, agindo sempre, fazendo sempre alguma coisa, estando ocupado em qualquer actividade. Este é o segredo do polichinelo, o segredo que todos conhecem. Vida é acção. Viver é agir. São disso exemplos espantosos velhos prodígios de todos os tempos. Nas artes, nas letras, nas ciências, na filosofia, na política.

É certo que nem toda a gente, que chega à chamada terceira idade, se dedica à política, à filosofia, às ciências, às letras ou às artes.

Nem todos, aí de nós, temos familiares compreensivos, como é teu caso, ou sequer com possibilidades de ajudar, como é o da enorme maio-

ria dos que ultrapassam os setenta.

Por isso é que são necessários esses tais lares, residências, casas de boa esperança, clubes de jubilados, do tipo de repúblicas de estudantes de Coimbra, centros de dia, etc., em que os sócios tenham intervenção e participação, que é forma de entreajuda. Nada de pura esmola, para ninguém, mas em que cada um se sinta com direito porque é contribuinte, mesmo que seja só simbolicamente.

Nada de grandes casarões, mas, como disse, residências, residenciais.

Com salas de convívio. Para convívio de uns com os outros. Para receberem os netos, para poderem receber os amigos dos netos.

Difícil? Pois é. A pedir imaginação? Pois claro.

Olha lá, o melhor é experimentar. E queres saber? Vai-se criar aqui em Faro, uma Associação de Apoio a Idosos. Já estamos a ultimar um projecto de Estatutos para apresentar numa assembleia geral de idosos de Faro. Contamos contigo. Não faltes. Depois te digo quando é. Está bem? Um abraço do teu

P.M.

N.º 3660
4-Abril-1979

Meu caro desiludido:

A tua última carta deixou-me um tanto ou quanto surpreso. Falas-me da tua actual descrença em relação a tudo quanto se está a passar no nosso país e não se parece nada com o que tu sonhaste. Li as tuas razões e resolvi escrever-te sem demora. Para te dar um pouco de coragem. Para te recordar que o que se está a passar é perfeitamente o que se podia esperar de toda uma falta de preparação cívica que, evidentemente, não podíamos ter feito durante a vigência da Constituição (ou Carta Constitucional?) de 33.

Para que uma Democracia possa funcionar razoavelmente faz minguá, como se diz na minha terra, uma educação cívica que não temos, nem podíamos ter, de maneira nenhuma. Somos ainda, e apenas, muito aprendizes, muito pixotes, na difícil vivência de uns com os outros. Lembra-te de que os nossos amigos ingleses (que até não têm uma Constituição escrita, nem precisam) começaram, há séculos, a caminhada para a Democracia, e ainda, às vezes, dão as suas to-

padas nas pedras do caminho. A França também vai andando como pode. A Espanha aprendeu ultimamente connosco o que se não deve fazer. Como, de resto, nós com eles. Já que nos evitamos, pelo menos até agora (e o diabo seja surdo), a experiência trágica da guerra civil. Bem bastaram as do século dezanove.

Sabemos que os povos do norte da Europa têm ido a caminho do socialismo, pela via pacífica da Democracia. E com êxito de assinalar.

A verdade é que nós estamos agora a sofrer, por não termos sabido começar pela Democracia. Quiseram que se fizessem logo, logo, as duas coisas ao mesmo tempo, mas não conseguimos como é evidente, uma nem outra. E daí o estado a que as coisas chegaram. Mas não desanimes. Não desanimemos.

Queres reparar em duas ou três coisas somente? Por exemplo, se nos fixarmos nos nossos deputados, logo observamos que são todos muito novos. A média das idades dos ministros e ou-

Também não ignoras que em Vila Real e na Covilhã foram criados uns Institutos Politécnicos, na mesma altura em que foi um para Faro. Só que lá para cima não amuaram, como por cá. Puseram-nos de pé. E agora, precisamente, no dia 28 de Maio passado, a Assembleia da República fez deles universidades.

Nesse mesmo dia eram apresentados, em Faro, o plano e o projecto do levantamento dos estudos técnicos superiores. Como são curtos, mais uma vez, ficamos chateados.

Apesar do plural, eu não fiquei. Tudo o que vier é ganho. E, mais vale um toma que dois te darei; mais vale um pássaro na mão que dois a voar.

Deixa vir o Instituto para já. A Universidade vai levar mais tempo. Se não estão erradas as minhas informações, a nomeação do professor algarvio Manuel Gomes Guerreiro para Presidente da Comissão Instaladora da Universidade do Algarve só surgiu no último dia do prazo, ou seja a 26 de Junho. Vai essa Comissão ter um ano para trabalhar na escolha dos cursos da nossa Universidade. E, depois, virá o resto. Tudo leva tempo, amigo, tudo leva tempo. Semeias um caroço de nêspere e tens que esperar uns anos

até que ele se torne na nespereira que te há-de alegrar a festa do Maio.

Por isso não desanimes, amigo, nem amues, nem te ponhas para aí com campanhas de retardamento. Entre o politécnico e o universitário não há incompatibilidade. São dois projectos diferentes. Um para longo prazo, outro para já. Sem afrontamentos, que seriam idiotas. Embora se saiba que professores universitários se não fazem - ou não devem, nem podem fazer-se, por decreto. Ainda que, e nisso estou mesmo pessimista, eu saiba, por que li, que tanto a Universidade Nova de Lisboa como a Faculdade de Letras da Universidade Clássica de Lisboa, herdeira do Curso Superior de Letras, criado por D. Pedro V, neste ano da Graça do Senhor de 1979, põem anúncios no "Diário de Notícias" para preencherem vagas de docentes... É um espanto, mas eu li.

Por isso, acredita e tem fé. Como eu. Impenitentemente.

Teu amigo,

P.M.

N.º 3665

18-Julho-1979

Farense amigo:

Podia dirigir-me a ti, empregando outro vocativo mais popular, que eu sei que não te zangavas. Tu, natural de Faro, és CARECA. Confesso que não sei por que razões te chamam assim. Sei que aos da minha terra chamam TRIPEIROS e nós ficamos até contentes com isso. Os de Loulé são conhecidos por CACE-TEIROS e os lisboetas por ALFACINHAS.

A verdade é que não temos que nos aborrecer com estes ditos, que não são mexericos mas fórmulas de amizade, de carinho e, às vezes, até motivos de orgulho. Seja como for, meu caro farense, até podias ser crismado de FAROL. Uma vez, ainda eu estava ao serviço, os rapazes de uma excursão do 7.º ano chamaram-se de FARÓIS, porque eram de Faro. Pela mesma razão, os da Figueira poderiam ser FIGUEIREDOS.

Ora, meu caro farense, escrevo-te para te chamar a atenção para assuntos importantes, como sejam os da tua obrigação de te interessares pela tua terra. Não reparaste, porque és de cá, que nasceste numa cidade bonita, acolhedo-

ra e simpática.

Não tem grandes monumentos, destes que justificam excursões e que, só por si, são atractivo turístico.

Mas é uma cidade agradável, onde é agradável estar. Claro que o podia ser muito mais. Se tivesse mais árvores e mais flores, por exemplo.

Se houvesse aí quem se interessasse por estas coisas que são mero correctivo fácil de um certo urbanismo incongruente que por aí alastra e está a destruir a tua terra, estudar-se-iam os correctivos floridos e verdes que poderiam atenuar a sensação de esmagamento, que os arranha-céus, como monstros, nos provocam. Devias interessar-te, por exemplo, por este aspecto da tua terra, que é a mudança de fisionomia das casas, nas saídas ou entradas da cidade. Estão agora a surgir, às dezenas, as casas com arco abatido na frente e, ainda por cima, pintadas de cores berrantes que agridem quem passa. Repara e vê. A estrada 125, por exemplo, está a tornar-se a rua do Algarve.

Mas infelizmente, só porque nós sabemos que estamos no Algarve. Porque, na verdade, o que vemos é casas que nos dão uma ideia diferente. São caracterizadamente incaracterísticas, uma discordância, uma nota falsa, por essa província fora. Assim, não vale. Deveria haver normas dentro das quais naturalmente se aceitariam variações. Talvez fosse caso de criar prémios para as que melhor se ajustassem a um certo cariz inconfundível da construção espontânea das casas do campo.

Nem sei bem como é que os construtores aborígenes, que não frequentaram escolas e eram provavelmente analfabetos, ergueram essas lindíssimas casinhas brancas que vão rareando, porque tu, meu caro, não te tens importado com a fisionomia da tua terra.

Bem sei que não é fácil o problema. A tua cidade está espartilhada por uma cintura muito apertada. Para um lado a ria, com a sua riqueza, a precisar de defesa, aliás já institucionalizada. Para o outro, as terras de lavoura, os férteis campos de cultura intensa. Mas se te interessares, amigo farenses, tens hipóteses, com certeza. Só que manifestar interesse não é só dizer que te interessas.

É interessantes-te mesmo. É ires aos museus da tua terra. Aposto que não os conheces e que até nem sabes onde estão. Ainda não subiste à torre da igrejinha de Santo António, lá no alto, por detrás do Liceu. Aposto que não foste ainda ali, ao museu etnográfico que é mesmo no centro na cidade e é uma lição viva sobre a tua província. Já não digo que vás ver o mosaico romano que apareceu aqui há anos, por acaso, ali em frente à estação da "Eva" e está no museu da cidade à espera que abram as portas, depois de concluídas as obras em curso no Museu. E que demoram, demoram, aí de nós, por culpa de ninguém.

E há ainda o museu marítimo. E o Antonino. E muita coisa bonita por essas ruas. Que tu não vês porque és um distraído. Por isso podia convidar-te a dar umas voltinhas por aí. Se quiseses aceitar eu depois digo-te, como será. Que eu sei que há por aí pessoas interessadas em estudar e em ajudar quem queira aprender. Conto contigo. Está bem?

Um abraço!

P.M.

N.º 3666

1-Agosto-1979

Meu caro Calvinho:

Foste embora de cá da tua cidade e agora, só cá vens, de vez em quando, por festas e por férias. És nisto um perfeito algarvio, que ama a sua terra, muito mais quando se fixou fora do que quando por cá fica. Coisa curiosa, foste precisamente assentar arraiais na minha cidade natal, enquanto a Vida atirou comigo para a tua. Nisto não houve encontro nem desencontro, visto que nos ficamos conhecendo e estimando com amizade verdadeira. Desta que até nem precisa de ser picada ou espicaçada com uma troca muito assídua de correspondência.

O que me levou, agora, a escrever-te foi ter lido em jornais e ouvido na rádio que ajudaste a fazer uma Casa do Algarve precisamente no meu querido Porto. Lá vi o teu nome entre os primeiros e calculo que não será difícil encontrarmos os dois quando eu lá for, ou se quiseses, quando tiver tempo para ir até lá. Estou a ver-te sorrir nesta altura, porque adivinho o que pensas: então este fulano aposentou-se há um par

de anos e atreve-se a dizer que só virá à terra quanto tiver tempo! À primeira vista tens razão. Mas, reparando melhor, e lembrando-te de que sou um pouco maluquinho por uma data de coisas e coisinhas em que estou metido, realmente deixei-me envolver em tantos e tais compromissos que não só estou mais ocupado do que quando estava ao serviço, como ainda por cima até estou mesmo mais envencilhado do que antes. Acredita que não tendo férias, como tu e como toda a gente. Também é verdade que, não tendo férias, não tenho subsídio de férias. Foi coisa que só no último ano, antes de me aposentar, me aconteceu: recebi meio mês, em 74! E foi muito bem feito, porque podia muito bem ter continuado até ao limite de idade. Se saí foi porque quis. Portanto, não tenho de que me queixar.

Mas deixemos estas pequenas anedotas pessoais e vamos a outras realmente mais importantes anedotas. A coisas que acontecem, cá na

Meu caro Zé da bola:

Começou a nova temporada oficial do nosso futebol. Por isso recomencámos todos os que alguma vez gostámos de dar pontapés na bola, a interessar-nos pela marcha do respectivo campeonato. Tu, é claro, e, como costume teu, tens limitado a tua intervenção à leitura dos jornais da especialidade. Sei que já foste ao campo de S. Luís, mas ainda não tiveste ocasião para começar a sério. Tudo até agora tem sido apenas exercícios de aquecimento. Já com algumas escaldadelas, mas sem importância de maior. Claro está que te desejo muitas alegrias.

És um espectador nato, ou não fosses algarvio. Dás as tuas opiniões de alto e com convicção. Barafustas, quando é caso disso, mas és civilizado. Já não saltas as barreiras do campo para intervir em qualquer barafunda. O que não quer dizer que não tenhas vontade de o fazer, e que, no calor da refrega, não te arrependesses de molhar a sopa, se possível fosse. Só que já consegues dominar-te. Quer dizer já estás a fazer progressos, no que respeita ao teu próprio comportamento. Começas, portanto, a ser um homem, que sabe que justamente, só é homem quando usa com eficiência a sua capacidade de auto-domínio, que sabe dominar os seus instintos de luta, que não esquece que jogo é jogo, isto é, uma actividade lúdica, portanto, por definição, desinteressada. O brincar da enorme maioria dos adultos é ver alguns, só alguns, brincar.

Sim, que isto de se julgar que se é grande desportista porque se não falta a um único jogo de futebol, ou porque se vai ver chegar os furiosos do automobilismo, ou pior que gasta gasolina para assistir à vitória do ciclista da predilecção, é evidentemente errado.

Chama-se a isso ser adepto, ter essa paixãozinha assolapada, mas lá desportista, não. A não ser que já se tenha criado a respectiva categoria de desportista-espectador.

Seja como for, agora que a temporada começa, gostaria de te desejar um ano de muitas alegrias. Duvido que o consigas, porque te conheço sei que és um insatisfeito. Gostarias que o teu clube só obtivesse vitórias, o que manifestamente não pode ser. Gostarias de ver os adversários, mais próximos do teu clube, perderem jogos para que o teu mais facilmente acabasse vencedor o que, claro está, também não acontecerá. Daí o

meu aviso. Vai ao menos, fazendo tudo para te dominares, para seres capaz de não insultar o árbitro, para apreciares uma boa jogada do clube adversário do teu, para seres capaz de assistir ao espectáculo - para ti como para os milhões que *assistem* a desafios de futebol, o que se passa no terreno é um espectáculo e daí o eu chamar-te espectador - para seres capaz de assistir ao espectáculo, ia eu dizendo, e de não atirares garrafas vazias para o campo, nem papéis para o chão dos degraus da bancada, etc., etc..

Para que te não aconteça aquela coisa triste que foi a chegada dos ciclistas a Loulé, no final da última etapa, com espectadores a vaia-rem um dos concorrentes, com menosprezo pelas leis da hospitalidade só porque, afinal, ele tinha chegado com a camisola amarela à tua terra e tu gostavas que fosse o outro. O outro que, afinal, tu querias que ganhasse. E ganhou. Mas perdeu, porque provavelmente sem ele dar por isso, tinha sido enganado, quero dizer, dopado.

Tens, pois, ainda muito que aprender, mas lá irás, lá irás. Só se aprende, à custa de asneiradas que se praticam. E isto, meu caro Zé, tanto na bola, como na política, por exemplo. Todos temos ainda muito, muitíssimo que aprender.

Ai de nós! Mas a vida é mesmo assim.

O remédio é ter paciência. E também humildade. A humildade de sabermos que cada um de nós sabe pouco e que só todos é que sabemos tudo. Todos... claro, como um resultado da soma de um e mais um, o cada um de nós, partícula ínfima do todo que são os algarvios, os portugueses, os homens do mundo.

Por isso, nada de basófilas, humildade discreta. E não te perturbes com as vitórias dos teus favoritos, nem sofras demasiado com as suas derrotas. Não te aborreças porque, nos jogos sem fronteiras, ficaram os nossos na segunda parte, e para o fim da tabela. Com tantos elementos de ginástica, foi o que se viu. Vamos agora torcer pelos nossos amigos de Braga. Pode ser que a lição lhes tenha aproveitado. E a vida é assim meu caro Zé. Haja saúde. Saúde e Fraternidade.

Abraço cordial do P.M.

N.º 3668
19-Setembro-1979

lugar que têm na bicha...

Assim é que não podemos agora os três, de novo, encontrar-nos aqui no cafezinho ao pé de "O Algarve", a conversar sobre o Brasil, onde vives, ou sobre os teus tempos de rapaz, quando me aturaste como professor.

Agora os projectos do nosso comum amigo são outros, se é que os pode continuar a fazer. Nós é que temos de lhos continuar. Nós é que temos agora de manter vivo o sonho de continuar "O Algarve", que ele herdou do pai. Temos que o manter com o mesmo denodo que ele pusera na sua continuação, na sobrevivência da herança paterna. Calado, como era, nunca me disse - e "trabalhei", com ele, mais de trinta anos, na mesma carolice! - que problemas do jornal o afligiam. Pacientemente aguardava que lhe entregasse ou mandasse o prometido original. Sempre discreto, sempre pouco expansivo. Era assim, era assim. Cada um é como é. E nesta varie-

dade de sermos diferentes, está o encanto desta vida. Que maçada seria se todos fôssemos da mesma forma! Ainda bem que há diversidades.

Não vou prolongar mais esta notícia que te mando de longe para além Atlântico. É provável que nem seja eu a dar-te a notícia infausta. Mas não faz mal.

Lembrei-me de ti para te dizer do meu desgosto. Tinha que desabafá-lo com alguém. Escolhi-te, porque estás longe. E também porque sabia que era teu amigo, como tu amigo dele. Ficamos agora mais pobres. O nosso amigo Silva partiu, sorrindo.

Eu despeço-me, hoje, de ti, com muito desgosto e muita tristeza. Até qualquer dia.

Um abraço do

P.M.

N.º 3689

10-Dezembro-1980

Meu caro fiel leitor de "O Algarve"

Há mais de trinta anos (trinta e dois exactamente) que dura a nossa estima mútua. Foi aí por Novembro de 1948 que comecei a mandar para este semanário, que saía, então, rigorosamente aos domingos (todos os domingos) uns apontamentos a que chamei "Os sete dias da semana".

por P.M.

E raramente faltei a este compromisso. Uma vez por outra, apenas. Também durante uns meses perpetrei uma série de gazetilhas em verso, de que provavelmente já não te recordas. Ao mesmo tempo escrevia, de boa vontade, sempre, para te manter informado, notícias e comentários sobre coisas de cultura, que aconteciam na nossa cidade: conferências (no Círculo Cultural, na Aliança Francesa), concertos, exposições de pintura, de fotografia, espectáculos de teatro amador e profissional, etc.

Durante o chamado PREC fiz uma série de comentários, mais ou menos desenvolvidos, acerca do que ia acontecendo. Ultimamente tenho-te enviado, com endereços variados, estas "Cartas sem código postal", com a regularidade irregular que o nosso jornal tem tido de há uns tempos para cá. Somos, portanto, suponho eu, ve-

lhos conhecidos e amigos. À paciência do nosso Artur Silva fiquei a dever esta confiança, que gostaria de poder manter, para manifestar assim fidelidade e homenagem ao amigo e director que tanto confiava na capacidade da minha esferográfica.

E com esta intenção de continuar a colaborar na manutenção desta tribuna livre da nossa pequena (grande) imprensa regional. Porque sempre foi, para mim, como para todos os outros colaboradores, uma tribuna livre. "O Algarve", em que escrevi sempre o que entendi, sem problemas de maior, porque, com algum jeito e maneira de dizer (ou não dizer) as coisas, o lápis encarnado não se afadigou muito com entrar em acção. Claro que tu entendias e sabias ler nas entrelinhas. Também o Poeta Aleixo as disse, das boas e bonitas, e escapou.

Claro que com um mínimo de cortesia, sempre indispensável, mesmo para com nós mesmos, consegue-se ultrapassar muita dificuldade. Inclusive essa a que me referi.

Quando temos que nos dirigir ao senhor (ou senhora) toda a gente, podemos sempre usar maneira de não magoar. Foi isso o que supunho ter conseguido. Era essa uma norma do jornal, nos tempos da direcção do amigo Artur Silva. Penso que os futuros responsáveis pelo

"O Algarve" honrarão essa tradição de urbanidade e boa educação.

Porque tu o mereces, amigo. Mereces que o nosso jornalzinho de província siga e prossiga nesta tradição de bom senso, equilíbrio, correcção de maneiras. Lembro-me de algumas pequenas polémicas com amigos que estimei e estimo, sempre dentro deste jogo de troca de ideias, correcto e civilizado.

Ora é preciso que tu ajudes, amigo, a continuar esta linha de comportamento cívico democrático.

De certa maneira, um jornal com estas características pode não agradar aos leitores do tipo

dos que gostam do estilo acutilante e sarcástico do nosso clássico e admirável Camilo Castelo Branco.

Mas, pelo menos, no que me diz respeito, se continuares a dar-me a alegria de ser meu interlocutor, prefiro a maneira sorridente do também nosso clássico e admirável Eça de Queirós.

E muito obrigado por mais estes minutos de conversa que quiseste ter a atenção de me conceder. Até breve.

P.M.

31-Dezembro-1980

CARTAS SEM CÓDIGO POSTAL

II - AOS QUE JÁ CÁ MORARAM

Meu caro colega:

Há muitos anos que não nos vemos, desde que nos deixou em 2 de Junho de 1963. Quase trinta anos! Mas isso não impede que o lembremos; isso não nos impede de o celebrarmos com amizade e admiração. Isso não impediu que o seu nome tivesse sido escolhido para patrono, ou padrinho, desta escola da sua freguesia natal.

E os que intervieram nesta escolha não o fizeram atendendo somente ao facto de ter nascido nesta sua freguesia do concelho natal de Loulé. Fizeram-no certamente também pelo enorme prestígio que conquistou e mereceu como professor de Matemática no Liceu de João de Deus, essa escola ímpar, onde também vim parar, já quando o meu querido Amigo e colega lá era professor e mestre de grande qualidade e nível. Na verdade, e desculpe-me o falar de mim, travamos conhecimento, em Outubro de 1933.

Acabava eu de ter concluído o meu exame de Estado e logo fui despachado, do Porto, onde nasci, para o Liceu João de Deus, essa escola maior de todo o distrito de Faro. Maior e, nesse tempo, quase a única secundária do Algarve. Os mais novos, aqui presentes, não se apercebem do que tem sido, em cerca de 60 anos, que é quanto quase tenho de naturalização como algarvio, natural do Porto, o desenvolvimento escolar deste reino do Algarve.

Recordando que o nosso Liceu era o único do distrito, veja só o que tem sido esse desenvolvimento! É certo que os liceus já não se chamam liceus. São escolas secundárias. E só na cidade de Faro, há duas. E mais 4 da categoria das de que somos padrinhos. E ainda o Politécnico e a Universidade. E um Conservatório de Música. E escolas secundárias, preparatórias por todo o distrito. Numa cada vez mais ampla cobertura escolar. Ainda bem. Com isso mesmo sonhou sempre o meu caro amigo, no seu desejo de um futuro democrático para todos. E esse sonho de certo modo se concretiza na freguesia do seu nascimento, hoje, com categoria de vila, e com esta escola que o escolheu para patrono e para modelo.

E bem feliz foi essa escolha porque o modelo não podia ser mais acertado. Porque foi um pro-

fessor de Matemática verdadeiramente excepcional.

Recordo-me de que conseguia sempre esta coisa maravilhosa que é a atenção espontânea dos seus alunos durante as suas aulas. Claro que nunca assisti a nenhuma.

Mas, ainda hoje, alguns que o foram dizem que estar com atenção quase bastava.

Era o mesmo que sucedia com as aulas de outros grandes do nosso liceu, como os nossos colegas Aleixo Cunha e José Neves.

Mas posso dar testemunho do que acontecia nos exames de admissão. Nesse tempo havia exames, e os de entrada eram um espectáculo. Os seus, claro. Posso-lhe garantir que um certo senhor Buhler, lembra-se? que era engenheiro suíço e explicador em Faro não perdia a oportunidade de ir assistir aos seus exames aos miúdos.

Começava a conversar com eles e às duas por três, conversando sobre a terra de naturalidade, sobre a idade, sobre a localização e as distâncias, já o cálculo mental estava em vias de demonstrar capacidade, tendências ou vocações. Que é essa, como se sabe, a principal função de escolas e professores: descobrir para o que cada um nasceu e ajudá-lo, depois, a relizar-se, nesse rumo, que é o da possível felicidade. E só se é feliz, ou pode ser feliz, se cada um dos pequenos a quem temos de ajudar a aprender - é o que compete ao professor - possa realizar-se com felicidade.

O seu cuidado e preparação eram tão constantes que, num ano, já não me lembro bem quando, tínhamos sido escolhidos, com mais outra colega para a comissão preparadora dos pontos, nesse tempo únicos para todo o país, dos exames de admissão. E aconteceu que na entrega das provas dos alunos candidatos ao delegado do reitor, no final da sessão, o meu caro amigo era esse delegado. E um jovem colega que trazia o material escrito da sala onde estivera, vinha entusiasmado: - o senhor Doutor já reparou? Que belo ponto este. Com ele os miúdos não podem deixar de fazer boa prova. Não acha, senhor Dr.?

E o meu caro colega sorriu. Pois era sua a autoria do ponto. E respondeu: - Pois acho, sim, um ponto bom. Mas, não se esqueça, prezado colega, não se esqueça, de que nós estamos do lado de cá; e os pequenos do lado de lá. Quem sabe se o não acharão tão bonito assim!

Claro que nesta resposta, está o fundo da sua formação democrática. A verdade de cada um é diferente, conforme estamos do lado de

cá, ou do lado de lá.

Já nessa altura tinha passado a sua curta carreira de jornalista. Que eu não conheci. Sei que participou no projecto do jornal "A ideia republicana" que começou em 1928, a 1 de Dezembro e de que se publicaram 27 números até 6 de Junho de 1929. Portanto, em tempo em que ainda não nos conhecíamos.

Mas sei que foi o meu amigo o redactor principal e que participaram nessa "ideia republicana", o poeta Bernardo de Passos, o Cap. Vieira Branco, o dr. Rita da Palma, o comandante Sebastião da Costa, o advogado Constantino Cúmano, o cap. Mateus Moreno, o dr. Francisco Fernandes Lopes, o dr. Silva Nobre, para citar só alguns, de que me lembro, e de quem tive a honra de ser amigo. Todos já partidos também.

Claro que esse jornal era, como hoje, dizemos, do contra. E ser do contra era o diabo. Como se provou dez anos depois, em 39. Lembra-se com certeza. Foi ali no Grémio Popular, hoje, Clube Popular de Faro.

Para o aniversário do Clube, a direcção promoveu um concurso de recitativos para representantes das colectividades de recreio que, ao tempo, nesse tempo funcionavam, como tal. Foi dia de festa nesse 29 de Outubro de 1938. E o meu caro dr. Agostinho foi o presidente do júri, de que eu fazia parte; e mais o Sousa Gago, também professor. E creio que o Marques da Silva, poeta Marmelada.

Pois ao sarau dos recitativos, de que nós, júri, não conhecíamos os textos e só estávamos, ali, para classificar os recitativos, aconteceu...

Demos um segundo lugar a um recitador que disse, com alguma qualidade, um texto algo agressivo e que foi considerado anti-religioso. Lembro-me muito bem de que o meu caro colega pediu publicamente aos concorrentes que, em futuros concursos, escolhessem textos que não pudessem ferir a susceptibilidade de nenhum dos presentes.

A verdade é que a coisa não ficou por aí. Houve uma queixa, que seguiu pelos canais da recém formada Legião Portuguesa até ao Ministério da Educação.

E, depois de dois inquéritos por dois oficiais da polícia, um no Natal, outro na Páscoa, vieram as sanções. O meu caro amigo, como mais velho, foi punido com dois meses de suspensão de exercício e vencimentos. Eu apanhei só trinta dias.

Mas o prezado colega, porque a penalização

ultrapassava os 30 dias, foi forçado pelo regulamento do estatuto dos funcionários à transferência de escola. Daí a sua ida para Leiria, para o Liceu de Leiria. Quer dizer, por uma infracção, digamos, foram-lhe aplicadas duas penalidades. Isto foi, de resto, aproveitado no seu recurso para o Tribunal Administrativo, onde venceu, como era justo.

Mas, no entanto, sei que, no Liceu de Leiria, o foi cumprimentar um vulto importante da nossa literatura. Além de poeta, e de monárquico foi solidarizar-se consigo, já que por qualquer razão relacionada com poesia fora transferido para a terra dele, o poeta Afonso Lopes Vieira.

Voltou para Faro, para o seu, para o nosso liceu. Mas doente. Lembro-me de o ter ido visitar, com minha mulher, à sua casa na rua da Misericórdia. Valeu-lhe, como sempre acontece, nas crises por que nós passamos, a assistência, carinhosa da sua esposa, D. Julieta Fernandes Costa de seu nome de família de Coimbra.

Também ainda me recordo bem da sua redução de aulas por motivos de saúde.

Por esse tempo problemas como os seus tratavam-se com mudança de ares. E o meu amigo, recorda-se? foi para S. Brás. Era uma espécie de recurso com provas dadas. Mas o meu amigo conseguiu superar a crise.

Importa-me mais recordar uma situação muito curiosa que era norma entre pessoas civilizadas.

As suas relações com o Nascimento não eram as melhores, pois não?, mas nunca se deu por isso nas reuniões ou situações em que a civilidade é prática de boa educação. E a esse colega ouvi dizer que o melhor professor de Física que tinha tido fora precisamente o dr. Agostinho, que só acidentalmente tinha sido, como provisório, professor do futuro colega. Acho isto muito bonito. Tanto para si, como para o Nascimento.

Não ouvi a oração de sapiência que fez na abertura das aulas em Outubro de 1933, porque nesse ano é que cheguei ao liceu de Faro e a sessão inaugural já tinha sido logo no começo de Outubro e eu cheguei a 17.

Também tenho notícias de que o meu amigo gostava de fazer versos. Já encontrei alguns mas não é oportuno lembrar-lhos.

O que é oportuno é recordar-lhe ainda o seu convívio com o major, tenente-coronel Coronel José Cortes, uma figura curiosíssima do Algarve, a pedir um estudo que será gratificante.

Creio ter observado, no seu convívio com ele,

uma espécie de competição: qual dos dois seria capaz de desenvolver e resolver uma equação em menos espaço de papel.

Os que vos observavam garantiam que uma simples e transparente mortalha de cigarro, dos feitos à mão, chegava. Lembra-se?

E da sua despedida do Liceu? No salão do Ginásio, com a sala cheia, uma despedida em cheio. O nosso reitor Ascenso, que também o estimava muito, todos os colegas e a sala cheia. Lembro-me bem do discurso do Dr. Carlos Picoito, advogado jovem ainda então, mas que partiu também já.

Foi a sua entrada na sempre incómoda e desconfortável situação de reforma. De que pouco tempo usufruiu.

Mas reparo que estou a ser muito longo. Para uma carta sem código postal não há problema.

Mas mesmo considerando a sua disponibilidade total, estou abusando.

Ainda uma pergunta: acha que será exagero pedir aos que lhe escolheram o nome para padrinho da escola da sua terra que lhe sigam o exemplo, como professor, como cidadão, como intelectual, procurando seguir a lição viva que foi, afinal, a sua vida, de que lhes dei, nesta carta, apenas um esboço, apenas um apontamento em forma de carta para o retrato do patrono?

Até outra oportunidade. Se tiver vida e saúde, continuarei a ser sempre o mais pronto a participar em tudo o que puder para que a sua lembrança continue viva.

Um abraço.

Magalhães

17 de Junho de 1992

Adeus, Tossan

Eu sabia, todos os seus sabiam que a sua resistência de vida ia sendo vencida. E foi. No dia 11 deste cáldio mês de Agosto. Em Lisboa. No Hospital de Santa Maria. Do que sentimos, todos os que o conhecíamos, estimávamos e admirávamos, não vale falar. As palavras tornam-se inúteis para exprimir desgostos. Não abusemos delas.

E agora que você partiu, o nosso adeus não pode ser só uma maneira bonita de despedida. Tem que ser mais. Tem que ser uma comunicação à gente da sua terra, da nossa terra. Comunicação de uma proposta de lembrança da sua qualidade maior, das suas capacidades artísticas. É que os seus patrícios, Tossan, não o conheciam. Ouviam falar de um humorista que aparecia, de longe a longe de muito longe a longe na televisão. De um humorista que brincava, no convívio com os que os estimavam, com ditos, jeitos, gestos, desenhos que deliciavam...

Mas quem sabe que os seus desenhos para os livros para crianças do Leonel Neves, outro algarvio, que o Algarve ignora, são uma maravilha? Quem sabe que esses desenhos, de linhas de uma sobriedade ímpar, representam humanos sentimentos nas figuras de animais. Os seus cavalos, os seus cães, os seus elefantes, as suas aves são como pessoas vivas a rirem-se connosco, a chorarem, a falarem com os leitores, os espectadores dos seus bonecos.

Não, ninguém sabe, ou repara nisso. Um ou outro lembra-se de si, aqui eu, Faro, quando você era estudante no Liceu. Outros sabem que participou no TEUC. Outros, muitos, ficaram com os retratos - sim - retratos, desenhados por si nos livros de final de curso.

As caricaturas - retratos de Tossan nesses, livros de lembranças que grande exposição que davam!

Pouca gente sabe que não aceitou o convite da Amélia Rey Colaço. Horários pesados, com horas marcadas, a cumprir, coisas difíceis, para não dizer, impossíveis, para pessoas como o Tossan.

Já é mais sabido quanto o seu patrício António Aleixo, seu companheiro no Sanatório de Coimbra, lhe ficou a dever. O estímulo que lhe deu no convívio com ele.

Por mim tive a sorte de publicar versos dele. A você ficou a sorte de o ter levado a ditar-lhe o "Auto do Curandeiro". O Dr. Armando Gonçalves foi outro dos que o ajudaram. Claro que normalmente fica na sombra a Manuela, sua mulher, candidata a santa, por o ter aturado a si, que foi um homem muito difícil fora do convívio à vista; a Manuela, sua mulher que também ajudou o Aleixo, apoiando-o a si, o mais que pôde; a Manuela que era (e é) sobrinha do dr. Armando; e por isso tinha acesso ao Sanatório de que o tio era responsável...

uma. Como esta não precisa de código postal não ponho no endereço o número que me puseram. Que isto, agora, por cá, só funciona com números. Desde o número da porta, ao número de código postal, passando pelo número do bilhete de identidade, pelo número de eleitor, até ao mais recente, que é o número de contribuin-

te, os portugueses estamos todos numerados. Do que tu escapaste, meu caro Luís Vaz do que tu escapaste!

Um abraço e até qualquer dia.

P.M.

N.º 3683
18-Junho-1980

No centenário do pintor Lyster Franco

Meu caro Dr. Lyster Franco:

Por razões de ordem familiar, estive fora do Algarve, durante uns largos dias que me fizeram perder o folhear diário da agenda em que registo, há anos, as datas que me parecem de interesse para a história e para a cultura, em especial do Algarve. Folheando-a, agora, no regresso encontro realmente assinalado no dia 5 de Outubro, a passagem do centenário do Pintor Lyster Franco, seu Pai. Logo no começo do ano reparara na data e pensara com os meus botões que não se deveria deixá-la passar sem uma celebração condigna. Imaginei logo que seria não só indispensável, como de inteira justiça, uma homenagem à altura do talento do Pintor extraordinário que seu Pai foi. E essa homenagem só poderia ser uma exposição de uma boa amostra dos seus magníficos "carvões", das suas telas dos "poentes" de Faro, do ano da pneumónica, dos seus maravilhosos desenhos a lápis, não só aqui em Faro, mas por essa Província que ele soube amar como sua terra natal e pintar com uma mestria fidelíssima, de acordo com uma sensibilidade que nos impressiona mais hoje, talvez do que no tempo em que viveu, porque nos sabe transmitir o que sentiu e o simples espectador como eu, supõe entender.

Simplesmente aconteceu ter passado entretanto pela praceta que lhe lembra o nome e tanto no azulejo posto na esquina, como na legenda que lhe sublinha o relevo em bronze, a data do nascimento assinalada é a de 1880. Deixei o tirar das dúvidas para um encontro pessoal consigo, mas confesso ter-me esquecido. Supus ser meu o engano do apontamento na agenda de efemérides. Daí o não ter dado qualquer lembrança para uma exposição da obra do Artista. De qualquer modo, a ideia fica de pé e não será difícil pô-la em andamento. O começo de uma comemoração centenária cabe bem dentro de um

ano. E nem sequer se pode dizer que mais vale tarde do que nunca. Para lembrar o Pintor emérito que é seu Pai, meu caro Dr. Lyster Franco, não há datas privilegiadas. Há, sim, a obrigação nossa, dos que o conhecemos e admiramos, de lhe prestar o tributo de homenagem que será uma exposição da sua obra de Artista. Além do mais, com outros amigos, já também desaparecidos, fui dos que promovemos em vida, ali, no Círculo Cultural do Algarve, duas exposições, se não estou enganado. Exposições que foram um êxito, nesse tempo, em que se faziam, como hoje ainda, apresentações de obras que se entendiam e apreciavam. Talvez, por isso mesmo, muita gente as visitava e apreciava.

E, com certeza, o mesmo acontecerá agora.

Falta quem dê realidade à ideia, mas creia que, já agora, para me redimir do meu erro de informação não descansarei enquanto não se fizer qualquer coisa no sentido do que acabo de lhe expor.

Só não lhe perguntei, meu caro Amigo, é se acha utópico ir para a frente, ou não. Acredito que a sua admiração filial não se oponha a que esta homenagem se torne realidade.

E assim fica explicado com duas razões fortes (o meu engano, causado pelo erro das indicações na praceta e a minha saída durante uns largos dias de aqui de Faro) por que motivo o meu testemunho de admiração pelo Artista Lyster Franco vai fora de horas e por uma via diferentes daquela que seria se figurasse no ramalhete da homenagem no "Correio do Sul".

Aqui no "Algarve", em que seu Pai também colaborou larga e coloridamente com prosa impressionista de excelente recorte e quilate, não fica mal a um algarvio por adopção prestar esta homenagem ao colaborador do jornal, que por acaso também foi, como o signatário, apenas algarvio por opção voluntária.

Um abraço muito amigo do P.M.

N.º 3669
3-Outubro-1979

Índice

I - AOS QUE CÁ MORAM

Meu caro algarvio	11
Meu caro rapaz do meu tempo	11
Meu caro desiludido	12
Meu caro queixoso	13
Amigo da minha recruta	14
Meu caro algarvio desconfiado	15
Farense amigo	16
Meu caro Calvinho	17
Meu caro Zé da bola	19
Meu caro Blé de Sousa	20
Minha boa amiga	21
Meu caro patrício	22
Meu caro autarca	23
Amigo	24
Meu caro Zezinho	25
Amigo	26
Meu caro Director	27
Meu caro alter-ego	28
Meu caro	29
Meu caro consócio	30
Meu caro Manuel	31
Meu caro Chico	32
Meu caro Zé	33
Meu querido amigo	34
Meu caro idealista	35
Meu caro Filipe	36
Meu caro fiel leitor de "O Algarve"	37

II - AOS QUE JÁ CÁ MORARAM

Meu caro colega	41
Adeus, Tossan	43
Meu caro Sebastião Leiria	44
Meu caro (amigo) José Coroa	45
Meu caro Luís Vaz	47
Meu caro Dr. Lyster Franco	49

